

# O MURMURIO.

PERIODICO LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

(PROPRIETARIO—A. P. DE S. PEDERNEIRA.)

N.º 10.

MAIO 15.

1856.

## MEDALHAS D'HONRA PORTUGUEZAS.

A honra é a « consideração devida ao exacto cumprimento dos deveres de cada um »

Ordem do Dia de 13 de Julho de 1810.

ENTRE as distincções que em nosso paiz se hão concedido ao « merito militar », figuram d'um modo sobremaneira honroso, » quaesquer que sejam as considerações a que acaso se queiram olhar », as nossas condecorações nacionaes das MEDALHAS D'HONRA, as quaes de nenhum modo se devem de feito confundir, (como talvez á primeira vista poderia porventura parecer), com as distincções ou condecorações das nossas MEDALHAS das diversas ORDENS MILITARES.

As medalhas d'honra que em nosso paiz se acham estabelecidas como insignias do merito, foram todas creadas por elrei D. João 6.º, nos annos de 1816, 1823, e 1824: — e foram sempre havidas como uma especie de distinctivo honorifico, como uma especie d'insignia muito valiosa, do pensamento memoravel que se acha consignado na « Carta Regia de 23 de Fevereiro de 1771, « de que a honra é o instituto da proffissão militar: — pensamento complementar de um outro igualmente memoravel, o qual se acha consignado no « Decreto de 2 de Abril de 1762 », de que o mais bem entendido poncto da honra consiste no serviço do rei, e na defesa da patria.

As MEDALHAS D'HONRA, creadas ou instituidas em 1816, foram as medalhas da Guerra-peninsular, do Bussaco, e de Commando: — em 1823, foi creada ou instituida a medalha da Fi-

delidade: — e em 1824, foi creada ou instituida a medalha de Monte-Videu.

A « medalha da guerra-peninsular », medalha de prata para as praças de pret, e d'ouro para os officiaes, (unse outros dos quaes se tornaram acaso distinctos no campo da dita guerra, desde 1808 a 1814); pende d'uma fita incarnada e azul, e tem a configuração d'uma cruz de Malta cercada de louros. — E no centro, tem o numero indicativo dos annos de serviço militar, tendo no reverso as armas de Portugal e do Brazil reunidas, com esta legenda na orla = GUERRA PENINSULAR: — legenda esta, que faz allusão a essa guerra celebre da nossa independencia contra a usurpação do grande Napoleão, no proprio nome do qual, (escripto como elle de feito o escrevia, que era NAPOLEON), se vai de feito incontrar a coadunação singular de 2 vocabulos gregos = *Nap*os e *Leon* = os quaes de si nos significam LEÃO DO DESERTO. — Deven-do notar-se ainda mais, que no mesmo nome = Napoleon = se encontra ainda igualmente, » e com mais singularisação na realidade », uma phrase mui curiosa e mui memoravel, e da maior analogia de sentido com o character extraordinario do nosso guerreiro cusado, uma vez que aodicto seu nome, e aos demais restantes, se vá de cada vez cortando a sua primeira letra succesivamente: — pois que então nos ficam os 6 vocabulos seguintes igualmente gregos = Napoleon apoleon poleon o um o o ao leon leon leon eon on, vocabulos estes, que vem a significarnos então = « Napleão, sendo o leão dos povos, = ia destruindo as cidades » tomados estes vocabulos n'esta ordem subsecutiva = 1.º, 7.º, 4.º, 5.º, 6.º, 2.º, 3.º,

A « medalha do Bussaco », medalha dos militares que se distinguiram n'esta batalha celebre e memoravel, (pelejada em 27 de Setembro de 1810 entre o exercito luso-anglo commandado por Wellington, e o exercito francez commandado pelo principe d'Essling); pende tambem d'uma fitta azul e incarnada, como a predicta « medalha da guerra peninsular ».

A « medalha de commando », pendente ainda tambem d'uma egual fitta bicolor, é a ultima das medalhas d'honra da instituição predicta de 1816, instituição que tivera logar no dia 28 de Julho. — É medalha dos militares que se distinguiram no commando de corpos do exercito, em algumas das acções ou batalhas da mesma guerra peninsular: — acções ou batalhas, as mais principaes e as mais memoraveis das quaes, (em que as nossas tropas d'então de novo fizeram ver á Europa e ao mundo, que ainda o nosso Portugal d'esse tempo era a mesma antiga patria d'heroes invenciveis na guerra); foram estas e estes assedios subsequentes, indicados individualmente na « Ordem do Dia de 28 de Março de 1820 »:

Em 1808, e a 21 d'Agosto, a acção do Vimeiro entre Wellesley e Junot: — em 1809, a da Corunha a 16 de Janeiro, e a de Talavera a 27 e 28 de Julho: — em 1810, e a 27 de Setembro, a já dicta do Bussaco: — em 1811, a de Fuentes d'Honor a 5 de Maio entre Wellington e Essling, e a d'Albuera a 16 do mesmo mez entre Beresford e o duque de Dalmacia: — em 1812, a do sitio de cidade-Rodrigo a 19 de Janeiro entre o conde do Vimeiro e o general Barrier; a do sitio de Badajoz a 6 d'Abril entre o marquez de Torres Vedras e o governador Philippon; e a de Salamanca a 22 de Julho entre o mesmo marquez e o duque de Ragusa: — em 1813, a de Victoria a 21 de Junho entre o duque da Victoria e José Buonaparte; a dos Pyrenneus a 28 e 30 de Julho; a do sitio de S. Sebastião a 31 d'Agosto entre Thomaz Graham e o governador Rey; a de Nivelle a 10 de Novembro; e a de Nive a 9 e 13 de Dezembro: — e em 1814, a d'Orthes

a 27 de Fevereiro entre o duque da Victoria e o duque de Dalmacia; e a de Toulouse a 10 d'Abril entre os mesmos generaes commandantes. (Continúa)

J. J. de Silva Pereira Caldas.

#### A COLUMNA DE POMPEO.

A pouca distancia da *Porta* meridional de Alexandria, no Egypto, está levantado este soberbo e magnifico monumento, que é de granito vermelho: o seu capitel corinthio, tem nove pés de altura e o fuste e o sócco, que são de uma só peça, tem noventa pés de altura e nove de diametro. A sua base, que é de marmore, tem de circumferencia 60 pés, e está assente sobre duas grandes pedras chumbadas e engatadas, o que não tem impedido que os Arabes, esgaravatando e escavando, tenham procurado separa-las a fim de darem com um imaginario thesouro, que crêm existir debaixo dellas. Em fim, ninguém pôde fazer uma idea perfeita deste magestoso monumento, que se eleva á enorme altura de 114 pés: a belleza do capitel, a extensão do fuste e a extrema simplicidade do pedestal excitam a admiração de todos os viajantes. O pedestal acha-se algum tanto damnificado pela curiosidade, ou antes pela insensata e extravagante ambição dos viajantes quererem possuir alguns pedaços desta pedra, como preciosas reliquias da Antiguidade e uma das *volutas* da columna cabia, já ha annos, em consequencia da travessura de alguns capitães de navios inglezes, que julgamos digna de menção, para se ver até onde pode chegar a industria, temeridade e arrojo de marinheiros, e sobre tudo de marinheiros inglezes.

Erão oito os destemidos e estouvados filhos de Neptuno, a quem se metteo na cabeça o irem beber alguns côpos de *punch* em cima do topo da columna de Pompeo! Dirigem-se ao sitio, inventão mil traças e propõe mil alvitres, a fim de levarem ao cabo aquella empresa; porem seu trabalho seria baldado, se o author da lembrança não fosse o mesmo que suggeriu os meios de a pôr em execução. Mandão um companheiro a Alexandria para que lhes traga um papagaio de papel: os habitantes da cidade, informados do que se projectava, correm em tropel para serem testemunhas da habilidade e arrojo dos filhos de Albião: lanção ao ar o papagaio e este eleva-se tão verticalmente sobre a columna, que ao cair para o lado opposto, a guita a que estava prezo ficou passando por cima do capitel: atam então, um cabo ou corda da grossura de duas pollegadas á extremidade da guita e puxão por ella da outra parte até que a corda veio a passar por cima da columna. Um dos marinheiros sobe por esta corda

até ao topo da columna e em menos de uma hora arranjam uma especie de enxarcia por onde os oito companheiros sobem até ao topo e lá vão beber o seu *punch* ao som dos vivas e applausos da multidão admirada. A quem está debaixo, o capitel da columna parece não poder conter mais do que uma pessoa, porem os nossos atrevidos marinheiros nos convencerão de que nada menos de oito individuos podião allí estar muito á sua vontade. He para maravilhar que não acontecesse desastre algum a estes temerarios n'uma tal elevação, em que a qualquer outro, ainda estando em seu perfeito juizo e tendo só bebido agua, se lhe teria ourado a cabeça. O unico detrimento, que a columna soffreu, foi a perda da *voluta*, de que já fallamos, que veio a terra com um espantoso estampido; porem esta perda foi liberalmente compensada pela descoberta que os nossos atrevidos aventureiros fizeram, porque a não serem elles, ainda hoje não saberíamos que no topo desta columna houvera uma estatua da qual apenas existe um pé e um tornozelo.

(Extrahido do *Scrap-book*.)

C.

Preciozas riquezas que existem no interino de-  
posito da bibliotheca de Braga.

Continuado do n.º 9.

#### LITTERATURA.

##### HISTORIA DE PORTUGAL.

Auctores que della escreveram em portuguez.

Antonio Caetano de Souza.  
Antonio Isidoro da Nobrega.  
Antonio Paes Viegas.  
Fr. Antonio da Silveira.  
Damião Antonio de Lemos.  
Diogo Barbosa Machado.  
D. Diogo Pinheiro.  
D. Fernando Correa de Lacerda.  
D. Fernando de Menezes.  
Francisco José Freire.  
Francisco José da Serra Craerbeeck.  
Francisco Leitão Ferreira.  
Fr. Francisco do Santissimo Sacramento.  
Francisco Yelasco de Gouveia.  
Ignacio Barbosa Machado.  
Fr. João de S. José do Prado.  
João Rodrigues de Sá e Menezes.  
José Agostinho de Macedo.  
D. José Barbosa.  
José da Cunha Brochado,

Fr. José da Natividade.  
P. Jose Pereira Bayão.  
José Soares da Silva.  
Fr. Manoel Homem.  
Fr. Manoel da Mealhada.  
Fr. Manoel da Rocha.  
Manoel Telles da Silva.  
Matheus de Souza Coutinho.  
Paulo de Portalegre.  
Pedro de Souza Castello Branco.  
D. Rodrigo Pinheiro.

(31)

#### IDEM.

P. Antonio Cordeiro.  
Antonio Martins Pereira.  
Antonio d'Oliveira Freire.  
Antonio Patricio Pinto Rodrigues.  
Antonio Rodrigues da Costa.  
Fr. Apolinario da Conceição.  
Balthazar da Silva Lisboa.  
Bernardo Gomes de Brito.  
Bernardo José Lemos Castello Branco.  
Bernardo Pereira de Berredo.  
Diogo da Costa.  
Fr. Domingos Teixeira.  
Elias Alexandre da Silva.  
Fernando Antonio da Costa de Barbosa.  
Francisco de Brito Freire.  
Francisco Nunes Franchlin.  
D. Francisco de Paula de Portugal e Castro.  
Francisco Xavier de Oliveira.  
Fr. Gaspar da Madre de Deus.  
Gonçalo Manoel Galvão de Lacerda.  
Henrique Dias.  
P. Ignacio da Piedade Vasconcellos.  
D. Jayme.  
D. Jeronymo Contador d'Argote.  
Jeronymo Godinho de Niza.  
João Alvares da Costa.  
João Baptista de Castro.  
Fr. João de S. Pedro.  
João Tavares de Vellez Guerreiro.  
Joaquim José Varella.  
José Caetano de Mesquita e Quadros.  
José Freire de Montarroio Mascarenhas.  
José Gaspar de Oliveira Rolão.  
Julio de Mello de Castro.  
Lopo Curado Garro.  
P. Luiz Antonio da Silva e Souza.  
D. Luiz Caetano de Lima.  
Manoel Agosunho Madeira Torres.  
Manoel Antonio de Meirelles.  
Manoel Antonio de Moraes Mendonça.  
P. Manoel Barradas.  
Fr. Manoel do Bom Jezus.  
P. Manoel de Campos.  
Manoel da Cunha Andrade e Souza Bacellar.  
Manoel Gomes de Lima Bezerra.  
Manoel de Mesquita Perestrello.  
P. Manoel Monteiro.  
Manoel Rangel.  
Fr. Manoel do Sepulchro,

P. Manoel Tavares.  
 D. Manoel do Tojal da Silva.  
 Martin Cardoso d'Azevedo.  
 Martinho de Mendonça Pina e Proença.  
 D. Pedro Miguel d'Almeida Portugal.  
 Fr. Pedro de Poyares.  
 Raymundo José da Cunha Mattos.  
 Romualdo Antonio.  
 Theodosio de S. Martha.  
 D. Verissimo.

(59)

---

ROMANCE.

UM DUELLO SEM TESTEMUNHAS.

(Continuado do n.º 6.)

O duello snr. conde? — interrompeu Humblot com gravidade — esquecei-vos de que a lei o condemna? O duello é um crime perante Deus e perante os homens.

Mas não diante dos homens de coragem — replicou o conde, cujos olhos scintillavam — Concebo perfeitamente que se dezeje sangue depois de tal ultraje. . . . porém ha-de ser com a pistola ou espada na mão, e o peito descoberto com bravura e lealdade diante do respectivo adversario.

Oh! murmurou o recebedor com estremeimento convulsiivo — Fazer-se um homem assassinar depois! . . . Isso é delirio, é loucura, é demencia, é extravagancia! . . .

O bom do recebedor tinha por uzo quadriplicar as suas razões.

Não posso dar-vos a minha approvação, snr. conde — disse Humblot com tom magistral — o duello é um resto infame de barbaria que cumpre extripar a todo o custo da nossa civilisação. E é que os tribunaes desenvolvem hoje um excessivo rigor contra os duellistas.

Oh! os tribunaes erram n'este ponto — radarguiu o Cantabro retorcendo o bigode d'um modo provocativo — N'isto, snr. procurador do rei, a gendarmaria difere muito da justiça, e parte-se-me o coração quando vejo lançar mão d'um bravo, que cumpriu o seu dever incontinenti.

Srs. — disse Humblot magestosamente — ninguem deve fazer justiça por suas proprias mãos. Ha magistrados, ha um codigo, e ha tribunaes! . . .

Por minha fé — redarguiu sacudidamente o conde — seria um feito heroico ir dizer ao Juiz. « Snr., eu tinha uma mulher formosa, joven, amavel, e de virtude, e esse cruel seductor veio ultrajar-m'a nas minhas proprias barbas. . . . Condenae-o em 15 francos de multa. » É a prisão snr. conde! Esqueceis a prisão? — disse o procurador do rei um pouco resentido? É a deshonra, a vergonha, o opprobrio que

resultam d'uma condemnação judicial?!

Nada de condemnações! nada de multas! retrucou o conde com vivacidade

Seis pollegadas d'ago no coração, uma bala na testa. eis o que é melhor. Ira de Deus! Quando um homem é insultado, deve vingar-se por si mesmo. Quizera ver-vos n'este caso, sr. procurador do rei! Se houvesseis recebido uma dessas injurias que nada pode apagar. . . . por exemplo, uma bofetada! . . .

Uma bofetada! — murmurou Humblot surdamente, lançando a vista de travez para Felix de Villemont — oh! então. . . . eu não digo que faria que. . . . ha certos ultrajes. . . . Na verdade! — interrompeu o conde — Mr. Humblot, acaso toda a honra d'um homem cifra-se nas barbas? ou quereis dizer-me que uma bofetada é por ventura coisa mais degradante, mais irreparavel do que a primeira affronta? . . . . cuja só ideia me faz ferver o sangue nas veias. Oh! só o pensar n'isso um quarto d'hora me tornaria louco! Não, não: em semelhante caso não me valeria da justiça, mas só da minha espada. . . . e aposto que Felix é da mesma oppinião. Não é assim Felix?

Este baixou a cabeça involuntariamente, e não deu resposta.

Sim, de certo: vós pensais como eu. Ha já muito que vos conheço, meu amigo. Nem sempre tendes sido diplomata. . . . e ainda me recorde de certos assumptos, que vos fazem honra. Emquanto a mim vou já fazer uma confissão completa. No dia em que me achasse em semelhante caso, que Deus aparte, verieis se eu ia depositar os meus queixumes no poder da justiça. . . . Não, não: um duello de morte. E nem me bateria á espada. . . . quiereria arma mais segura: a pistola apoyada sobre o coração.

Uma murmurio de desapprovação circulou entre os convidados. Até o mesmo capitão Cantabro apesar do seu genio bellicoso, pareceu protestar com sua mudez contra semelhante genero de combate.

A physionomia de Felix de Villemont se apresentou mais sombria e meditabunda.

Um duello de morte! isso é horrivel — disse severamente Humblot.

Sim, um duello de morte. Tambem se pode verificar com duas pistolas, das quaes só uma se ache carregada: tira-se a sorte, e. . . .

Nunca encontrarieis testemunhas, snr. conde — disse o Cantabro.

Bater-me-ia sem ellas.

Como?! . . . un duello sem testemunhas?!.

Sem testemunhas — respondeu com tom firme e decesivo.

Sem testemunhas?!?! . . . — repetiram em côro todos os convidados, excepto Felix que nada mais fez do que estremecer.

É este o meu systema — acrescentou o conde, — systema de que nunca me apartarei. Que

diabo! Quando se vai a um duello, não é para rir, nem para uma simples arranhadura... E' para que um dos dois morra.

Não é de absoluta necessidade — observou o Cantabro.

E o snr. conde não reflexiona que um duello semelhante equivale a um assassinato? — disse Humblot, que se julgou por um instante no exercicio de suas funcções judiciaes—. A voz era sonora e firme: a physionomia severa: a attitude altiva e magestosa — Sim snr. conde, se tivesses a desgraça de matar o vosso adversario, seria terrivel. Pensai bem n'isto: o texto da lei é explicito.

Mr. Humblot: eu tambem sei tomar as minhas precauções — replicou o conde d'Harqueville, indicando o bolso do seu vestido de caça — neste bolso tenho uma carta, onde está uma declaração clara e terminante, em virtude da qual, o meu adversario, se me matar, não será inquietado. E' uma carta escripta por meu proprio punho sem dacta, na qual digo que razões pessoas e secretas, me obrigam a recorrer ao suicidio... Já vedes que por minha parte, exigirei outra declaração semelhante do meu adversario para fazer uso d'ella em occasião oppurtuna...

Muito bem — disse Humblot abanando a cabeça — Porem eu duvido que a justiça se contente com semelhante testemunho... as investigações serão minuciosas... e francamente, snr. conde, é perigoso proceder d'esse modo... De mais, eu julgo que em semelhante caso, não encontrariéis um adversario que accitasse um duello d'esse genero.

Oh! então — gritou o conde — o meu adversario seria um cobarde, e eu o teria como tal... Porem eu appello para todo o homem d'honra: póde haver um só homem, que depois de ter ultrajado uma pessoa honrada, se negue a toda a especie de saptisfação? Fallai meu amigo Felix. Não sois da minha oppinião?

Creio em tudo como vós: que só um cobarde, um miseravel poderia não aceitar esse duello.

E' verdade — acrescentou o Cantabro franzindo as sobranceiras — Eu mesmo que sou capitão dos gendarmes do departamento, confesso que côméria a minha espada primeiro que recusar essa pequena reparação a um homem honrado.

Permetti-me que vos observe capitão — disse Humblot seccamente — que a vossa linguagem não é d'um funcionario publico.

E' possivel snr. procurador do rei!!... Porem ira de Deus! Ainda que um seja gendarme, sempre se recorda de que se ha balido em Marengo, em Wagan, e em Jena! Todavia ferve o sangue nas veias! Pela minha parte, declaro que ainda que fosse recebedor da administração, procurador do rei, ou juiz d'instrução, me seria igual. Antes de tudo a honra! Decreto de Deus! Não se morre mais

que uma vez, e essa, não merece a pena de ser cobarde.

Snr. capitão! — redarguiu Humblot exasperado — nada de personalidades.

Tenha-se por vil e desleal quem pensar arrojado — disse o veterano soldado vasando o còpo d'um góto.

Basta de polemica! — interrompeu o conde estendendo o braço, como Neptuno na *Eneida*, quando este deus dos mares mandou que a tempestade serenasse. (Continúa.)

Celestino Seixas.

## DUAS PALAVRAS SOBRE GALLICISMOS.

Gloria, gratidão e amor aos que, por si e pelos outros, procurarem repor a nossa lingua — e mais poderosa e senhoril — no throno donde rebeldias de mandriões affrontosamente a derubaram.

A. F. De Castilho.

(Continuado do n.º antecedente.)

### II.

Deste modo os romances e geralmente todas as mais obras, traduzidas do francez por escriptores inexperientes, são uma prova, já determinavel *a priori*, de que a nossa lingua não está livre dos gallicismos, antes delles tem muito que temer-se ainda hoje.

Os gallicismos propriamente dictos, os apontados pelo menos no *Gloperio* do snr. S. Luiz, bem pode ser, como já deixo dito, que taes traductores os evitem, se o cynismo ou a ignorancia ainda lhes permette uns restos de consciencia; mas não está só nisso a pureza da lingua; está em todas as formas da expressão, no modo da phrase, no torneado dos periodos, no tecido do discurso — coisas estas que nem os mais mestres podem presumir de sempre fazer e arranjar como se deve.

Depois dos romances e desmazeladas traducções vem os periodicos politicos (e alguns litterarios, em todo ou em parte). Pode-se dizer que são estes, geralmente tão e tão afrancezadores do nosso modo de escrever, e tão inimigos da pureza da linguagem, como ás vezes o são da verdade politica, da felicidade do povo e do bom senso. Desde que um destes

se mette n'aquellas affanosas lides jornalisticas, de salvar a nação, desenganar a sociedade e revelar os altos segredos estadisticos com quatro apressados rabiscos de penna, ou de discutir altas questões no campo da imprensa com os argumentos e linguagem das praças, guindados a altura de *artigo de fundo*, não mais se importa com isto que os litteratos ociosos chamam *pureza de lingua*. D'ahi, como os jornalistas estão sempre com folhas francezas na mão, como ás vezes vão lá copiar o que escrevem, vae-lhes o estylo todo afrancezado, não fallando agora nos artigos de noticias textualmente traduzidos por pessoas ignorantes que daquillo nada sabem; a quem todavia commette esse trabalho, pelo barato que o fazem. Se os periodicos teem folhetim, então ahi, como em sobreloja, se mostra a melhor fazenda. O estylo, sobre afrancezado, é ridiculamente pretencioso e inchado; nem outro podia haver melhor para futilidades visiveis, para conceitos semsabores e não poucas vezes miseraveis (6), como la apparecem.

Já se vê que não estamos livres dos gallicismos, e que ha muito que fazer em favor da nossa lingua, e portanto da nossa litteratura. E' mister que os zelosos das lettras patrias se esforcem em depurar o nosso bom portuguez das francezas que tanto o desfiguram e que parecem ser a expressão dessa falta de patriotismo e de rigidez de character, que hoje tão somenos nos torna ao que foram nossos maiores; é mister sustentar a lingua na altura a que a tem elevado os nossos bonissimos escriptores antigos e modernos. Fora disso, em

(6) Pelo amor de Deus, não me julguem inimigo da imprensa politica, que o não sou, de verdade — Lamento só o muito que ás vezes anda desvairada, a leviandade com que nella se escreve ás vezes sobre materias gravissimas; a falta de nobreza e decencia n'algumas polemicas; em fim a falta de juizo d'alguns folhetinistas. No mais, respeito-a muito, e digo com os outros (verdade é que com algum receio) que ella é uma das melhores glorias da civilisação moderna. Entre nós ha periodicos sabiamente redigidos, em que tudo merece respeito: são poucos, mas alguns ha. — Sirva isto de correcção ao que deixo escripto; facil era de ver que não queria abranger a todos. Cada um está no direito de se julgar exceptuado (com razão ou sem ella.)

quanto não assegurarem bem a dignidade da lingua, não sei quaes possam ser as pretensões da nossa litteratura. Isto de pureza de linguagem, amor de classicos e horror aos gallicismos, não é um capricho de litterato per-luxo: é um ponto de honra nacional. Bem era que todos entendessem que não podem affrontar a lingua sem que ao mesmo tempo ensultem a patria, e deixem, em certo modo, de ser portuguezes. Eis-aqui o que dos gallicismos dizia já um poeta da Arcadia, em bellos versos que copio lembrado sempre que escrevo para jovens que mal conhecem as nossas riquezas litterarias:

Ah! Se as marmoreas campas levantando,  
Sahissem dos Sepulchros, onde jazem  
Suas honradas cinzas, os antigos  
*Luzitanos* Varões, que com a penna,  
Ou com a espada e lança, a Patria ornaram  
Os novos idiotismos escutando,  
A mesclada dicção bastardos termos,  
(Com que enfeitar intentam seus escriptos  
Estes novos, ridiculos Auctores;  
Como se a bella e fertil lingua nosso,  
Primogenita filha da *Latina*,  
Precisasse de estranhos atavios)  
Subito, certamente, pensariam  
Que nos sertões estavam da *Cacanda*,  
*Quilimane Sofala* ou *Moçambique*;  
Até que ja, por fim, desenganados  
Que eram em *Portugal*, que os *Portuguezes*  
Eram tambem, os que costumes, lingua,  
Por tão estranhos modos, affrontaram,  
Segunda vez de pejo morrerião (5).

### III.

Qual deverá ser o porte dos amadores da lingua, em relação aos gallicismos? Deveremos declarar excomunhão e fazer guerra aberta a toda a palavra, a toda a phrase que não tenha o cunho da antiguidade classica? Eu não o penso assim.

Pretender hoje estabelecer um purismo ferrenho e muito escrupuloso sobre inexequivel, ora inconveniente e *anacronico*. As linguas

(5) *Hyssop*, canto 5.º

teem também os seus progressos e recentem-se da illustração civilisadora que augmenta com os seculos. Nada mais absurdo do que querel-as conservar eternamente n'um *statu quo* immovel, que não é, nem pode ser a situação da sociedade a respeito de coisa alguma, e muito menos a respeito das linguas, as quaes acompanham o pensamento no seu progresso e mobilidade indefinida. Somente aqui, como, em tudo o mais, o progresso deve ser regulado convenientemente e partir de baixo de pontos fixos. O progresso d'uma lingua não é a sua transformação ou alteração essencial. Ella deve conservar-se sempre a mesma na sua indole, no seu uso, nas suas maneiras, no que tem de mais essencial e característico, atravez das pequenas mudanças e variabilidade vocabular, filha dos tempos. Escrever neste seculo com purezas e elegancias não é escrever absolutamente como escreveria um auctor do seculo XV, mas ainda menos é escrever uma linguagem barbara, sem feições proprias nem indole conhecida, que é, não o aperfeiçoamento da lingua classica, mas a sua corrupção. Camões se hoje escrevesse os *Lusiadas* havia de lhe mudar muito; e eu accredito que até, por vezes, as palavras não escapariam da reforma: comtudo, apesar d'algumas leves differenças, a sua linguagem seria a mesma, seria a linguagem portugueza, seria a linguagem dos *Lusiadas* escriptos no seculo XVI. Quereis ver Camões no seculo XIX? Lêde as obras do snr. Almeida-Garrett: alli o tendes inteiro, e com alguma dissimilhança apenas na tendencia do genio.

Palavras e phrases ha que, com quanto authorisadas pelos authores de melhor nome, cahiram como obsoletas em completo desuso (7). Outras ha que o uso, mestre supremo nestas materias, introduziu d'uma maneira irrevogavel, apesar d'estranhas. Em taes casos, todo o escriptor sensato deve evitar uma resistencia affincada, que, sobre impotente, seria parvoa. Oppor-se á omnipotencia do uso, consagrado por homens illustrados, é uma pretensão ridicula e pedantesca.

(Continúa.)

(7) Nem isto é de admirar. Já Horacio disse: *Padentque, quae mure sunt in honore, vocabula, si volet usos; quem penes arbitrium est, et jus et nonna loquendi.*

## A BORBOLETA E A LUZ.

Innocente mariposa  
D'azas d'ouro e de morphim,  
Corre incessante, e formosa  
Em variado jardim.

Baloçando-se em mil flores,  
Todas primeiro adorou,  
Em todas procura amores,  
Que todas suas julgou.

'Té qu'em descuido a coitada,  
Vio da luz a chama ardente,  
Julgou-a rosa encarnada,  
Alli lindou cruelmente!

E tu deves assim findar teus dias  
De juventude, e graça, e formosura,  
Qu'as deidades acabam sua vida  
S'o imperio acabou de seu encanto.  
Como podes fingir, inda tão joven,  
Sentir impulsos fortes, encontrados?  
Ou tú d'amor a chama não sentiste,  
Qu'os corações sensiveis dilacera,  
Ou se sentes amor és qual minino,  
Qu'apenas satisfeito já procura  
Descomposto o primeiro outro objecto.

.....  
Mal tu sabes, mulher, quanto podias  
Em minh'alma intornar d'amor e vida!  
Mal tu sabes qu'ainda em secca planta  
Poderas ver brotar viço e verdura  
Se um alito só teu a bifejára!  
Anjo, mulher, deidade tu não sabes  
Quanto vale um olhar, se compassivo  
Nos prende ao céu — da terra onde jazemos  
Em arido deserto, em senda agreste  
Só d'espinhos e dor e de martyrio!

.....  
Mas, se a mulher qu'assim tanto adoramos,  
Qu'a vida nos ha dado, e paz e gloria,  
Vaidosa, partilhar vêmos com outro  
Esse bem que só nosso tanto crêra-mos....!  
Então trovejam furias, demonios,  
Quizera-mos na voz enfrene raio,  
E tudo destruir.. mulher, — e quanto  
Por ella um sentimento só nutrisse.

Cazal do Paço.  
Janeiro de 56.

Gaspar de Queiroz Botelho d'Almeida  
Vasconcellos.

Dedicada do intimo d'alma ao eximio traductor do Eliezer em signal de respeito e admiração!

Depois de ler o Eliezer.

..... Oh! quão ditosos  
Momentos lhe não devo! A que transportes  
Me não arrebatou.....  
(Eliezer, Canto 4.)

Cantor, bemdicto sejas; pois n'est'alma  
Ventura meiga e doce exprimentei;  
Quizera d'Eliezer ter a palma,  
Quizera; seu destino lh' invejei!

Senti correr o pranto docemente....  
No peito a mais sensivel emoção....  
Modelo de ternura, eternamente  
Gravado me serás no coração

Prazer, amor, nobreza e poesia  
Existem d' Eliezer n'esse adeus,  
Sorrindo quando a vida s'extinguiu,  
Mil bençãos derramando sobre os seus.

Rachel deixar, a doce esposa sua  
Fazendo venturoso a Nephtali,  
E nove annos passar em magoa crua  
Além sorrir, dizer, eu não morri!

Não morri! e nas aras d'amizade  
Orando com profunda submissão,  
A Deus pedindo paz, felicidade  
Vossos nomes reuni em oração.

E' grande! e até sublime! quem no peito  
Assim conserva illeza a sancta fé!  
Quem do dever ás leis vive sujeito  
De Christo verdadeira imagem é.

Eliezer, padrão d'amor fraterno,  
Fazei por imitar, e gozareis  
Mimos d'intima paz, e então no Eterno  
A toda a dor allivio encontrareis.

Cantôr, bemdicto sejas; pois ne'st'alma  
Ventura meiga e doce exprimentei;  
Quizera d'Eliezer ter a palma,  
Quizera; seu destino lh'invejei.

Valença, Setembro de 1855.

Manoel de Castro Rebocho

Explicação da charada do n.º antecedente  
= FATALIDADE = a qual vai repetida neste por terem faltado as sílabas das duas ultimas quadras.—

#### CHARADA.

1 { Bem que proximo de sol,  
Seus raios nunca senti:  
1 { E nada indica de certo  
Quem «só» se serve de mi.

{ Fui fatal em Palestina  
2 { A'quelles que m'emprehenderam,  
E que a vida, a liberdade,  
Por tal facto alli perderam.

{ Assim me manda que faça  
A Sancta Lei do meu Deus;  
1 { E quando bem a pratique  
Terei cabida nos Ceus.

#### CONCEITO.

Nas azas do amor, nas d'amizade  
Voamos do prazer ao aureo cume;  
Mas de lá nos arroja, desgraçados!  
Teu insano podêr, nefando Nume...

A. P. d'Araujo.

#### EXPEDIENTE.

Rogamos aos snrs. assignantes de fora da cidade que se acham em debito a esta redacção tenham a bondade de mandar satisfazer, pelo seguro do correio ou por onde melhor lhes convenha. E n'aquellas terras onde temos correspondentes se dirijam a elles.

O *Murmurio* publica-se no dia 1.º e 15 de cada mez.

Preço da assignatura — por anno 960 — com estampilhas 1080. Por semestre 480 — com estampilhas 540. — Trimestre 240 — com estampilhas 270 — avulso 50 reis.

Este jornal assigna-se no Porto, em casa do illm.º snr. Apparcio Augusto da Cunha Sampayo, rua das Flores.

Em Valença na casa do illm.º snr. Antonio José do Cruzeiro Seixas, rua Nova, n.º 21-

Em Villa do Conde na casa do illm.º snr. José Antonio da Cunha, rua de S. Bento,